

FRANCISCO XAVIER C. A. CAMPOS

Ourense, 1972.

Profesor de E.X.B. Profesor-colaborador da Escola de Danza da

Deputación Provincial de Ourense.

Membro do equipo de investigación do grupo “Castro Floxo”.

*“Un vianés de coroza”, debuxo de
Tiberio de Ávila
«La Ilustración Gallega y Asturiana», nº 15, 1880.*



Artesanía: o traxe tradicional



Um traje galego

Fco. Xavier C. A. Campos

“Las nubes pesadas y plomizas iban a congregarse sobre la Sierra de Céltigos, en un horizonte de agua. Los pastores, dando voces a sus rebaños, bajaban presurosos por los caminos, encarapuchados en sus capas de juncos.”

Ramón del Valle-Inclán.

Sonata de Otoño, Memorias del Maqués de Bradomín.

Acoroça, croça ou caroça é um elemento do vestuário tradicional galego que desde sempre foi mencionado por todos aqueles que tentaram votar uma mirada à nossa realidade campesinha. Valle-Inclán é um exemplo no eido da literatura e Tiberio Ávila¹, advogado e pintor de Ourense (1843-1933), outro no da pintura. No livro da inglesa R. Matilda Anderson², que fixo depois do seu passo por Galiza, também deixa boa mostra da presença de este traje por todo o nosso território.

Ilustres persoeiros, bem con-



hecidos no campo da etnografia, como Xaquín Lorenzo³ ou Antón Fraguas⁴, nunca esquecerom falar da coroça nas suas referências ao traje galego. Nieves De Hoyos⁵ e Juan Naya⁶ fam uma pequena descrição nas suas obras, sendo uma prova mais das similitudes entre o povo galego e

outros povos celtas, como o irlandês e o inglês (A contraportada do livro citado de J. Naya é um gravado inglés do século XVII dumha coroça sem caperucho). O famoso gaitreiro de principios de século, folclorista e fundador da coral “Aires da Terra”, Perfecto Feijóo (1858-1935),

1. “La Ilustración Gallega y Asturiana”, T. II, Madrid, 1880, pag. 191

2. Ruth Matilde Anderson, “Gallegan Provinces of Spain. Pontevedra and La Coruña”. New York, 1939, págs. 107-108-109.

3. Xaquín Lorenzo, “Historia de Galiza”, T. II, Buenos Aires, 1962.

4. Antón Fraguas, “El traje gallego”, A Corunha, 1985.

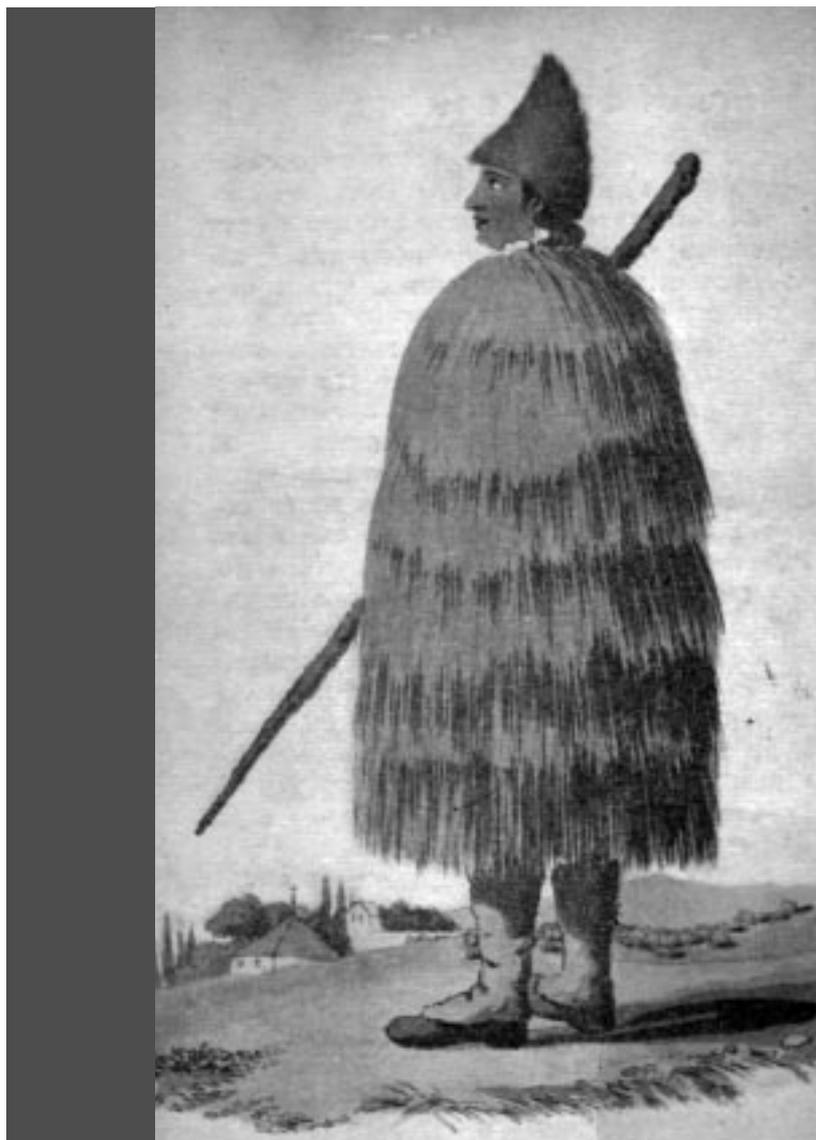
5. Nieves de Hoyos Sancho, “El traje regional gallego”, Santiago, 1971.

6. Juan Naya Pérez, “El traje”, Vigo, 1964.

gostava fotografar-se com esta peculiar indumentária⁷, e posa para “El repertori iconogràfic d’Espanya” do Arquivo Mas, co seguinte pé de foto: *“Tipo del país portant un elegant chubasquero y paraiguas morat”*. Vicente Risco também serviu como modelo para X. Lorenzo⁸.

Como vemos, existe já informação sobre o tema, o que demonstra que esta vestimenta era mui usada entre a nossa gente, não só polos campesinhos, também os arrieiros e gandeiros a gastavam. A necessidade sempre fixo discurrir às pessoas, e numa terra tam húmida como é Galiza tiverom que dissenhar algo com que se tapar da água e que ao tempo permitisse trabalhar.

Não penso que seja necessário explicar que é e para que serve uma coroa. De todas formas anotarei a definição que um velho da Límia me fixo dela: *“É o melhor impermeável que se inventou”*. No comentário que lhe fam ao gravado de D. Tiberio Álvarez podemos lêr: *“Trátase de un económico, y hasta cierto punto elegante impermeable, con el cual, no solo en Viana del Bollo, sino en casi toda Galicia se reparan y preser-*



“Pastor con palloza y moca”
Cuadernos de Arte Gallego nº 39

van de la lluvia nuestros labriegos”. Em definitiva, uma capa feita de juncos, preferentemente, ou bem palha, trenzados, que preserva da chuva a todos os que tenham que trabalhar baixo ela.

A matéria prima é o “junco de esteiras” ou *juncus effesus*,

da família das juncáceas. É mui comum e medra em lugares húmidos em case todas as partes. Os talos são de cor verde lustroso, bastante brandos, direitos e flexíveis, e rematam em ponta aguda, podendo chegar a uma altura de 1,5 m. A sua flor é da cor parda, brotando em racimos

7. José L. Calle García, “Aires da Terra”, Pontevedra, 1993, pag. 102.

8. Id. nota 3.

9. Id. nota 1, pag. 195.

na parte superior do talo nos meses de Julho-Agosto.

O processo de elaboração dumha coroa não é mui complicado, se se tem prática e paciência. Segundo o Sr. Diego Rodríguez Oliveira, de 65 anos e vizinho de Vilameá-Riocaldo (Ourense), que é um artesão das coroas, o melhor momento para cortar os juncos é o mes de Junho, antes da sua floração, quando haja lua menguante. Logo haverá que prepará-los, dando-lhes uma boa maza (como ao linho), abrí-los bem, e coa mão, fregá-los para lhes sacar o miolo de dentro, que nunca acaba de caer todo. A continuação ponhem-se a secar, à sombra, nunca ao sol, aproximadamente um mes, atam-se contra a punta em manhizas e guardam-se durante três ou quatro meses, até o momento de serem utilizados, alá polos meses do outono, quando começa a chover e o mau tempo não permita fazer trabalhos fora da casa.

Geralmente, quem estava práctico fazia a coroa num dia. Podiam ser de dous tipos: de uma soa peza, como um saco, ou com o corpo separado do carapucho, que eram as mais habituais. Começava-na sempre pola cabeça, fazendo uma

corda e trenzando aos lados, até o longo que ser quixer. O primeiro tipo era muito mais singela, sem mais que o carapucho, muito mais alongado do normal, chegando até os pés. Normalmente, este primeiro elemento da coroa, rematava nos ombros. Outra corda rodea o pescoço, da que colga uma, duas ou três esclavinas (dependendo do que se puder gastar), e também a dianteira, aberta, que pode chegar até os geonhos ou bem até os pés, como a do gravado de Tiberio Ávila. Iste “corpo” deixa os laterais abertos, tapados pola esclavina, e pode-se pechar adiante com umhos enganches feitos com o mesmo material, os juncos. Ao tempo que se vai trabalhando, vam-se penteando os juncos, para acabar de lhes sacar o miolo de dentro, com um pente parecido ao do linho. A parte estavam as polainas, dous “tubos” de juncos, cubrindo toda a perna¹⁰. Normalmente faziam-se por encargo, e bem o artesão empregava os juncos da sua propriedade ou lhos traía o cliente, abaratando-se o produto. R. Matilda Anderson conta que, na feira de Pontevedra, também se podia comprar o material, ainda que ela fala de palha de centeo e trigo¹¹.

O tempo que durava a coroa dependia do trato que se lhe disse. Iam ao monte com ela quando chovia. À noite já pesava muito no pescoço. O melhor era colgá-la aberta, para que a água lhe escurrisse, quedando seca para a manhã seguinte. De não ser assí, os juncos acabariam pudrecendo. Nesto também influia se se lhe sacara o miolo bem ou não. Normalmente deveria durar entre três ou quatro anos.

Como é lógico, este “traje” não só se fazia para os homes. As mulheres também o empregavam e aos nenos se lhes fazia um do seu tamanho. No entroido também se empregavam como disfraz. Para os animais se construía uma “esteira”. Era uma espécie de manta que se lhes punha às vacas paridas quando se levavam ao monte, para que não chovesse por elas. A sua construção era ainda mais singela. Uma corda ao longo da espalda, com os juncos trenzados aos lados, dos mais longos que se atoparam, atada no pescoço, nas patas de atrás e às vezes por baixo do rabo, como as albardas dos burros.

Como já dixem, faziam-se por encargo, mas também se podiam atopar nas feiras. No

10. Id. nota 7, pag. 183. É umha foto de P. Feijóo onde podemos observar claramente as polainas da coroa.

11. Id. nota 2, pág. 107.



Risco vestido com uma coroza

livro de Ruth M. Anderson¹² conta-se que na feira de Pontevedra uma coroça das do primeiro tipo, de uma soa peza, custava sobre três pesetas, o que lhe parece barato considerando o serviço que prestava. Na feira de Ginzo também era mui habitual vê-las a vender. Fraguas resalta a importância que tinham estes “chuvasqueiros” em Cotobade, Lama e Padróm¹³. Nieves

de Hoyos também fala da relevância da indústria cotobadesa¹⁴. Mas voltendo a Anderson, dí-nos que as feiras onde se podiam atopar com mais freqüência era nas de Ourense. Ainda hoje é possível atopá-las na feira de Montealegre.

De todas formas, já não se vê à gente vestir coroças. Como é lógico, substiuem-se com

novos materiais, que som muito mais ligeiros e cómodos. O tempo vai levando os velhos costumes e, pouco a pouco, vam desaparecendo do nosso entorno rasgos característicos da nossa cultura. Ao igual que os campesinhos já não vistem coroças, já não se fam palhoças nem choços com o teto de palha, juncos ou gesta. Ainda assí, parece-me interessante não deixar que se esquezam tanto estos elementos nossos, como as pessoas que se dedicavam a fazê-los.



Perfecto Feijoo em 1919

12. Id. nota 2, pág. 108.

13. Id. nota 4.

14. Id. nota 5.



Foto **Archivo Más**, 1919